

O EXERCÍCIO E O CORPO: DOSE E EFEITO

Teresa Lacerda

Dar corpo à exposição *O Exercício e o Corpo: Dose e Efeito*, foi um exercício de imaginação que envolveu, como em todos os projectos desta natureza, um jogo de avanços e recuos entre a concepção idealizada e a realidade produzida. A noção de dose não habita um lugar no imaginário humano, sendo esta talvez uma das razões pelas quais o território dos projectos se apresenta, em geral, com uma extensão e uma densidade nem sempre passíveis de se concretizarem. Na esfera do real, o efeito da imaginação tem que se traduzir na dose adequada que viabilize a execução, tal como num programa de prescrição de exercício físico, no qual o doseamento do volume e da intensidade das cargas se tem que adaptar e harmonizar com o efeito a produzir no praticante. Dentre os muitos efeitos que resultam do exercício, a possibilidade de alterar, reconfigurar, quase que modelar ou esculpir o corpo, é determinante na sociedade contemporânea, o que parece decorrer, pelo menos em parte, de preocupações existenciais, num tempo socialmente marcado pelo individualismo. Mas este não é, definitivamente, um dos poderes maiores do desporto. Maior no desporto é a possibilidade dada ao corpo de se converter em corpo desportivo, encarnando o lugar da regra e do excesso, da disciplina e da insubmissão, do constrangimento e da liberdade, do limite e da superação, buscando na repetição imposta pelo treino o espaço de variabilidade que lhe permite configurar novos lugares, redefinindo o par corpo-lugar¹ e reinventando não apenas o futuro do desporto mas o seu próprio futuro, re-significando-o. A universidade é também um lugar de produção e de realização do futuro, no qual o jogo da intersecção de conhecimentos é valorizado em fóruns como o ciclo de eventos Espaço, Corpo e Bem-Estar, no qual se inscreve a exposição *O Exercício e o Corpo: Dose e Efeito*. As obras em mostra representam uma experiência específica do mundo, da qual cada artista é inseparável, e que não deixa, um pouco à semelhança do desporto, de ser um jogo em que os artistas, como os desportistas, ensaiam combinações de aleatoriedade, provocação, ilusão e vertigem², em apresentações sensíveis, incorporações de materiais visíveis, sonoros ou tácteis.

¹ Conceito cunhado por Cunha e Silva em *O lugar do Corpo. Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget. 1999.

² Remete-se para as tradicionais categorias do jogo (alea, agon, mimicry e ilinx) enunciadas por Roger Caillois em *Os Jogos e os Homens*. Lisboa: Cotovia. 1990.

Ana Margarida Rocha

Metabolismo, 2016

As reações químicas associadas à produção de energia no corpo humano servem de pretexto para um ensaio visual sobre o metabolismo do corpo da pintura. Um conjunto de transformações, num organismo vivo, pelas quais passam as substâncias que o constituem: pigmento, aglutinante, água, oxigénio.

Armando Vilas-Boas

Luge, 1996

Freestyle Skiing, 2016

Luge lida com a asfixia da velocidade e do risco, o qual é fulminante e imensamente perturbador e intenso. É tão densa e espessa a sensação de medo quanto o é a excitação da conquista, em todo o tempo durante o qual a atleta vence o desafio de superar as leis da física e os seus próprios limites corporais. No fundo, uma inebriante explosão de adrenalina nesta modalidade olímpica. Freestyle Skiing ilustra a reconfortante e aconchegante sensação de frio emanada pelo gelo e pela neve, neste desporto olímpico de Inverno que será provavelmente o mais criativo e aquele onde o corpo melhor se expressa perante os desafios colocados pela Natureza. A imersão da atleta na intimidade com o ambiente da prática desportiva pode gerar um paradoxo susceptível de causar perplexidade nos não-praticantes, questionando sedentarismo e hábitos civilizacionais.

Cristina Troufa

FREE#1, 2012

David Lopes

Ensaio de tração, 2016

O corpo é pensado enquanto suporte comum entre a área das artes e o desporto para falar de uma ideia de instrumentalização excessiva - a dose e o efeito. A elasticidade é o argumento dialogante entre uma imagem de duas mãos - proporcionando um espaço cénico de tensão - e a representação física de uma matriz quebrada através de uma moimpressão.

Domingos Loureiro

Paisagem-corpo-paisagem, 2016

Esta obra faz parte da investigação recente de Doutoramento (out. 2016), sobre a relação entre o Sublime e o Constrangimento. Assenta na ideia de que a imposição de um constrangimento físico poderá dar origem a um processo libertador e criativo que evidencie aspetos de cariz transcendental. Tal como no desporto, a imposição física do exercício, poderá ser o caminho para levar o corpo a transcender-se e a alcançar lugares e sensações onde, de outra forma não seria imaginável.

Filipe Cortez

Sem Título, 2015

Sem Título é a primeira peça em que o artista joga entre a memória física de um espaço contaminado e a sua pele, enquanto uma congela o momento em que é produzida site-specific, a outra continua o seu percurso, como fóssil contaminado ou parte de um espaço. O artista trabalha neste momento a ideia/jogo entre pele, réplica, e memória que se desvanece a seu tempo.

Francisco Laranjo

O mundo inteiro numa criança que ri ao sol, frente ao mar. SIGNO SINAL. a VF., 2001

O corpo nada mais é, que o meio sempre necessário à afirmação do espírito que anima o discurso através do gesto, aí organizando o mundo ou lhe procurando dar sentido.

Graciela Machado

O que tenho que fazer, 2016

Herdei um pano. De cozinha. Roto e remendado. Enfiado numa pilha com tantos outros, feitos de horas, porque ornamentados, preciosos mas não diria, preciosos. Este era diferente. O que tenho que fazer? Não tocar? Não pensar? Guardar na gaveta? Porquê pegar no trapo? Como não o fazer? Como fazer sem fazer? E fazer que fazer? Não, quero fazer. Sempre foi assim. Quero ver, e isso não existe sem mãos. As mãos dos outros são para mim cegas. Tenho sempre tecidos nas mãos. Sou uma cerzideira. Sou uma fazedora.

Sandra Laranjeira

1., 2015

1.0, 2015

Cos, 2016

A presença do corpo no espaço é momentânea, tentar "prendê-lo" num suporte é uma falsa preservação, porque somos constantemente mudados pelo que nos rodeia e pelo nosso interior. Contudo sentimos a necessidade de arquivar instantes da nossa passagem.

Vicente Sampaio

Soap, 2016

O Homem é a sua própria invenção, e do outro lado da balança, oposta ao desejo de inventar o futuro, está a lei da Natureza que nos ultrapassa e permanece constante e silenciosa. É com uma certa ironia que habituámos o nosso corpo a químicos e substâncias que são destinados a manter-nos limpos e saudáveis, mas podemos perguntar-nos: é a nossa evolução apenas um veneno de lento efeito?

Nicole Tsangaris Leveza, 2016

Duarte Silva Vigília, 2016

Pedro Branco Desassossego, 2016

Leveza, Vigília e Desassossego são três peças de video-dança que se debruçam sobre as relações do corpo com o espaço arquitectónico. Desenvolvido sob o título Trilogia da Indiferença, este projecto resulta de uma parceria entre a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, a Companhia Intável e a Escola das Artes da Universidade Católica do Porto que assume a direcção e produção, sob a coordenação de Vítor Joaquim.

Leveza - realização: Nicole Tsangaris, coreografia: Ana Sofia Ribeiro e Filipa Santos

Vigília - realização: Duarte Silva, coreografia: Tiia Veneranta Desassossego - realização: Pedro Branco, coreografia: Andrea Mesquita